

**GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA PARA UMA CONCEPÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL DE INFORMAÇÃO<sup>1</sup>**

Comunicação Oral

Jonathas Luiz Carvalho Silva – UFBA

Henriette Ferreira Gomes – UFBA

jonathascarvalhos@yahoo.com.br

**Resumo:**

Aborda a relação entre Filosofia e informação. Apresenta como condição problematizadora a seguinte pergunta: quais as contribuições promovidas pelos filósofos Marx, Nietzsche, Bergson e Deleuze no que se refere a uma concepção teórico-conceitual de informação? Tem como objetivo investigar o desenvolvimento da Filosofia contemporânea e suas relações com a informação no âmbito da Filosofia da Informação considerando as contribuições fundamentais de filósofos para pensar os construtos teóricos de informação, como Marx, Nietzsche, Bergson e Deleuze. A metodologia consta de uma pesquisa exploratória com delineamento bibliográfico e método dedutivo. Conclui-se que a Filosofia contemporânea valoriza um diálogo com a informação enquanto objeto considerando a relevância das relações entre informação e trabalho em Marx, a informação e o perspectivismo nietzschiano, a informação e a intuição/inteligência em Bergson e a informação e devir/conceitos filosóficos em Deleuze.

**Palavras-chave:** Filosofia. Informação. Filosofia Contemporânea. Filosofia da Informação. Filósofos.

**Abstract:**

Discusses the relationship between philosophy and information. Problematizing condition presents as the following question: what are the contributions promoted by philosophers Marx, Nietzsche, Bergson and Deleuze in relation to a theoretical-conceptual design information? Aims to investigate the development of contemporary philosophy and its relation to the information within the philosophy of information considering the fundamental contributions of philosophers to think about the theoretical constructs of information, such as Marx, Nietzsche, Bergson and Deleuze. The methodology consists of an exploratory design with bibliographic and deductive method. We conclude that contemporary philosophy promotes a dialogue with the object information while considering the importance of the relationship between information and work on Marx, information and Nietzschean perspectivism, information and intuition/intelligence and information and becoming Bergson /philosophical concepts in Deleuze.

**Keywords:** Philosophy. Information. Contemporary Philosophy. Philosophy of Information. Philosophers.

---

<sup>1</sup> É muito comum no presente trabalho a preferência pelos termos uma concepção de informação ou uma concepção de Filosofia. Entenda-se concepção aqui como uma maneira de compreensão ou entendimento. Essa preferência reside no fato de que se acredita ter a informação e a Filosofia uma pluralidade de estudos e conceitos que podem ser vislumbradas, tanto pelo teor das intercorrências teóricas, epistemológicas e aplicativas, quanto pelo olhar do pesquisador que investiga a informação, enquanto objeto, e a Filosofia, enquanto, campo do conhecimento, em suas variadas percepções. Logo, o termo ‘uma concepção’ visa mostrar as variadas possibilidades de identificar uma compreensão sobre informação a partir da contribuição de cada filósofo investigado.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da Filosofia, especialmente no âmbito das práticas acadêmico-científicas um conjunto de percepções foi se consolidando. A Filosofia Contemporânea se destaca por conceber reflexões e diversas criações de conceitos referentes ao ser, a sociedade, ao pensamento, a linguagem e também a informação.

Em suas obras póstumas, Nietzsche (1885, *apud* Deleuze & Guattari, 1992, p. 13-14) afirma o interesse da Filosofia Contemporânea considerando que “Os filósofos (...) não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhes são dados, para apenas limpá-los e fazê-los reluzir; é preciso que comecem a fabricá-los, criá-los, colocá-los, e persuadir os homens a recorrer a eles”.

Vale ressaltar que o desenvolvimento da Filosofia Contemporânea e suas relações com as concepções de informação estão representadas em correntes teóricas, como o marxismo, positivismo, fenomenologia, pragmatismo, estruturalismo, funcionalismo, entre outras. Isso significa dizer que Filosofia, enquanto campo do conhecimento e informação, como objeto de estudo desde a Antiguidade mantiveram uma relação bastante íntima e repleta de intercorrências sociais e cognitivas que foi se aprofundando no transcurso histórico e se consolidando na contemporaneidade.

Desse modo, esse aprimoramento relacional entre Filosofia e informação resultou na criação da Filosofia da Informação como construto conceitual e aplicativo no âmbito social. É inegável a contribuição de diversos filósofos da contemporaneidade para efetivar o desenvolvimento da Filosofia da Informação.

O presente trabalho apresenta como condição problematizadora uma questão que pode ser sintetizada na seguinte pergunta: quais as contribuições promovidas pelos filósofos Marx, Nietzsche, Bergson e Deleuze no que se refere a uma concepção teórico-conceitual de informação?

O objetivo é investigar o desenvolvimento da Filosofia e suas relações com a informação no âmbito da Filosofia da Informação considerando as contribuições fundamentais de filósofos contemporâneos para pensar os construtos teóricos de informação, como Marx, Nietzsche, Bergson e Deleuze.

## 2 FILOSOFIA E INFORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: subjetividade e relações possíveis no contexto da Filosofia da Informação

A Filosofia Contemporânea é constituída por um conjunto de fatores/valores que estão consagrados nos estudos de diversos filósofos.<sup>2</sup> Vale ressaltar que os estudos filosóficos da contemporaneidade são repletos de díades e contradições inerentes ao contexto das reflexões epistemológicas, principalmente dos séculos XIX e XX. Como díades e contradições destacam-se, a saber: o conhecimento baseado na cultura local e/ou total (SANTOS, 2003); o misto da objetividade/subjetividade; c) o desiderato da simplicidade versus complexidade (MORIN, 1994); a tensão entre estabilidade *versus* instabilidade.

A Filosofia contesta e dialoga com as indagações científicas do período contemporâneo atentando para a elaboração de seus problemas e reflexões, visando promover encaminhamentos propositivos. A partir desses fundamentos sociais, cotidianos e científicos a Filosofia concebe um conjunto intercorrencial de conceitos, visando elucidar alguns contextos marcantes da sociedade. Com efeito, a Filosofia Contemporânea possui uma tonalidade marcadamente voltada para uma reflexão sobre a subjetividade. A subjetividade pode ser entendida aqui a partir da argumentação de Woodward (2000, p. 55) quando afirma:

Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e do qual nós adotamos uma identidade

Essa subjetividade é eivada de uma densidade epistemológica, tanto pelo fato de que seus construtos são diversificados, quanto pelo fato de estabelecer correlação com percepções de outros termos densos, como cultura, linguagem e identidade.

Compreende-se que pelo viés da Filosofia a subjetividade apresenta configurações, por vezes, polêmicas nas ideias dos filósofos. Na obra *Ecce Homo Nietzsche* (2008, p. 8) afirma que “a filosofia, como até aqui a entendi e vivi, é a vida voluntária no meio do gelo e nas altas montanhas – a procura de tudo o que é estranho e problemático na existência, de tudo o que até agora foi banido pela moral”.

Neste momento, a primeira marca de subjetividade identificada é que Nietzsche demonstra a união de seus laços entre o artista com suas analogias e metáforas e o filósofo com suas reflexões

---

<sup>2</sup> Podem-se destacar como alguns representantes da Filosofia Contemporânea: *Edmund Husserl* (1859-1938); *Friedrich Nietzsche* (1844-1900); *Gabriel Marcel* (1889-1973); *Georg Wilhelm Friedrich Hegel* (1770-1831); *Gilles Deleuze* (1925-1995); *Henri Bergson* (1859-1941); *Jean Paul Sartre* (1905-1980); *John Dewey* (1859-1952); *John Stuart Mill* (1806-1873); *Joseph Von Schelling* (1775-1854); *Jürgen Habermas* (1929...); *Karl Marx* (1818-1883); *Martin Heidegger* (1889-1976); *Merleau-Ponty* (1908-1961); *Raymond Aron* (1905-1983); *Soren Kierkegaard* (1813-1855); *Schopenhauer* (1788-1860), entre outros.

e elucidações sobre temáticas com uma tonalidade polêmica. O filósofo alemão prima pelo entendimento de que a Filosofia (mais precisamente os filósofos) e sua subjetividade perpassam por dois fatores fundamentais: o primeiro é que o filósofo deve ter humildade e consciência para admitir o erro, pois não fazê-lo pode se configurar como ato de covardia; o segundo indica que o filósofo deve procurar resolver os problemas de sua época despertando-a para a posteridade a partir de construções reflexivas pautadas no combate ao conformismo.

Outro filósofo que possui um pensamento marcadamente voltado para o entendimento da subjetividade filosófica é *Martin Heidegger*. O filósofo supramencionado busca perceber a subjetividade filosófica a partir da curiosidade que é condição *sine qua non* para o interesse pela Filosofia, bem como o valor do pensamento como uma atividade fundamental da Filosofia. Heidegger (2002, p. 113) revela que:

O fato de mostrar-se um interesse pela filosofia ainda não revela, de modo algum, uma disponibilidade para o pensamento. Mesmo que durante anos e anos nos ocupemos aplicadamente com os volumes e os escritos dos grandes filósofos, isso ainda não nos garante que realmente pensamos ou mesmo que estejamos dispostos a aprender a pensar.

Acredita-se que a atividade filosófica por mais complexa que seja não necessariamente será subsídio configurador de um pensamento. Isso mostra que a curiosidade, embora relevante para o interesse pela Filosofia, é apenas o passo inicial e não implica necessariamente na construção do pensamento. O pensamento em Heidegger insere uma perspectiva de se pensar a partir do que foi percebido contemplando a fundamentação para representar no contexto objetivo as possibilidades daquilo que é real.

A partir desse conceito Heidegger (1996, p. 103-104) complementa sua percepção sobre o conceito de Filosofia quando afirma que:

Todo o pensamento da filosofia, que, expressamente ou não, segue o chamado “às coisas mesmas”, já está em sua marcha, com seu método, entregue à livre dimensão da clareira. Da clareira, todavia, a Filosofia nada sabe. Não há dúvida que a Filosofia fala da luz da razão, mas não atenta para a clareira do ser. O lúmen naturale, a luz da razão, só ilumina o aberto.

Heidegger mostra uma concepção fundamental para a Filosofia que reside no fato de que este campo do conhecimento não é fechado e subsidiado por si só. A Filosofia só existe em virtude do ser que lhe concedeu essa oportunidade. Quando Heidegger fala sobre a “livre dimensão da clareira”, busca precisamente elucidar que as questões da subjetividade e do método se configuram apenas como fundamentos posteriores a clareira (ser). Todavia, a Filosofia procura de forma insistente demonstrar que as questões da subjetividade, do método e do sujeito se constituem como seus fundamentos originários, quando na verdade, em caráter normativo, ser é que deveria constar como origem.

As percepções de *Nietzsche* e *Heidegger* promovem a conotação de que a Filosofia Contemporânea tem por primado básico conhecer a realidade social e cotidiana e buscar entendê-la das maneiras como realmente são (*Nietzsche*) e investigar as realidades e propriedades do ser utilizando atributos da subjetividade e do método (*Heidegger*). Essas percepções são fundamentais na contemporaneidade, de sorte que a Filosofia é um elemento reflexivo e de criação de conceitos para entender a realidade, o que implica em uma relação direta com o conceito de informação que está eminentemente atrelado ao ser e suas construções sociais e cognitivas, especialmente através dos processos de acesso, uso, apreensão e apropriação da informação.

Para tanto, é crucial compreender como a Filosofia Contemporânea constrói seus conceitos contribuindo para promover significado(s) ao termo informação que, conforme as necessidades sociais e o pensamento filosófico/científico também modifica sua percepção conceitual da simples transmissão da mensagem ou de dizer algo a alguém (CAPURRO, 200\_, S. 1.) para uma construção sócio-cognitiva (CAPURRO, 2003; HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2003) no âmbito do uso e da apropriação.

Entende-se que na contemporaneidade Filosofia e informação se relacionam de forma efetiva a partir da explosão informacional movida, principalmente pela expansão das tecnologias de informação e de comunicação (TIC's), especialmente nos séculos XX e XXI, o que favorece as reflexões sobre a Filosofia da Informação como fundamento específico para elucidar o(s) significado(s) locais/contextuais e globais de informação na contemporaneidade.

Embora estejam ligadas as TIC's e, por conseguinte, a Computação, a Filosofia da Informação possui um nicho de investigação mais amplo. *Floridi* (2002, p. 25) fala sobre a origem da Filosofia da Informação:

Historicamente a filosofia da informação nasce da filosofia da computação, mas nasce não como um dos seus ramos mas antes como a sua base mais vasta, profunda e fundadora. A filosofia da informação privilegia a informação como o seu tópico central, em detrimento da computação porque ela analisa a última pressupondo a primeira. A filosofia da informação trata a questão da computação apenas como um dos processos – e talvez o mais importante – em que a informação está envolvida. Desta forma, esta área deve ser tomada como filosofia da informação e não apenas definida em sentido estrito como filosofia da computação, tal como a epistemologia é a filosofia do conhecimento e não apenas a filosofia da percepção.

Evidencia-se que a Filosofia da Informação, desde sua origem, é marcada por um conjunto de contextos subjetivos que vão desde os pressupostos estudados na Computação (as tecnologias propriamente ditas, softwares, modelos, etc.) e na Ciência da Informação (envolve os processos de informação, tais como organização, representação, mediação, acesso, uso, apropriação da informação, entre outros) até o entendimento teórico-conceitual do termo informação. A subjetividade da Filosofia da Informação ocorre precisamente pela concepção subjetiva apresentada pela Filosofia enquanto campo do conhecimento e da informação enquanto objeto de

estudo, o que ratifica a percepção de que a Filosofia da Informação é mais ampla do que uma Filosofia da Computação, assim como norteia a informação como tópico central para composição de uma análise filosófica e não a informação elucidando o significado da Filosofia como prevê a Computação.

Isso significa dizer que o desenvolvimento de uma Filosofia da Informação ocorre em face da necessidade de que para entender informação é mister, inicialmente, compreender conceitos basilares de Filosofia e submeter a informação a uma análise filosófica. Para tanto, *Ilharco* (2004, p. 2-3) confessa que:

A filosofia da informação, enquanto reflexão fundamental sobre a informação, é um questionar de uma forma tão basilar e fundamental quanto o é o questionar fundador dos variados ramos da filosofia: o que é ser? (ontologia), o que é conhecer? (epistemologia), o que é a linguagem? (filosofia da linguagem), o que é a mente, a consciência, o bem e o mal, o pensamento, etc., etc.

Destarte, é possível fundamentar que o entendimento de informação perpassa naturalmente por um entendimento de Filosofia não somente como campo do conhecimento (ontologia, conhecimento, linguagem, mente, consciência, etc.), mas como construto do cotidiano, de sorte que a informação está presente no âmbito social.

Essa relação concebida de uma Filosofia da Informação “cientificizada” e reflexiva e uma Filosofia da Informação aplicada ao cotidiano social conota uma perspectiva eminentemente subjetiva no que toca a construção de conceito(s) de informação. Vale ressaltar que essa subjetividade não é recente, já que vem desde a Grécia Antiga. *Floridi* (2004, p. 1) admite que “[...] tal como o ser a informação pode ser dita de muitas formas tal, e essa correlação provavelmente não é acidental.”

Ao admitir essa concepção expressamente multidirecionada do ser e da informação, *Floridi* considera que os conceitos de informação possuem múltiplas percepções e aplicações em sua tessitura histórica. Aliás, a informação só pode ser entendida a partir do problema fundamental do ser que é base para o pensamento filosófico e, por conseguinte, da Filosofia da Informação. Assim, a informação não é somente um *continuum* abstrativo, mas um emaranhado de significados que podem ser compreendidos no ser e na sua composição de linguagem, subjetividade e relações materiais/sociais.

Portanto, compreender os significados de informação no âmbito da análise filosófica (Filosofia da Informação) e reconhecê-la como um projeto para um ramo de investigação autônoma na Filosofia é tarefa *sine qua non* a partir da percepção de alguns filósofos dos séculos XIX, XX e XXI.

### **3 OS CONTRIBUTOS DE FILÓSOFOS CONTEMPORÂNEOS APLICADOS AO(S) CONTEXTO(S) TEÓRICO-CONCEITUAIS DE INFORMAÇÃO: a ênfase em Marx, Nietzsche, Bergson e Deleuze**

O desenvolvimento da Filosofia da Informação está intrinsecamente concatenado aos estudos dos filósofos desde a Antiguidade Grega até a Idade Contemporânea. Os estudos da Filosofia Contemporânea possuem preocupações latentes com elementos, como a informação, a linguagem, a subjetividade, a complexidade, entre outros. Acredita-se que a informação (juntamente com o conhecimento) ocupa um espaço relevante na Filosofia, o que pode ser observado na concepção de alguns filósofos contemporâneos.

#### **3.1 Karl Marx e o pensamento economicista e social: informação, trabalho e consciência em evidência**

Karl Marx pode ser considerado um dos filósofos mais exponenciais da história, dada sua grande contribuição para as ciências, principalmente as designadas como humanas e sociais.<sup>3</sup> Marx foi um pensador que articulou ideários diversos de campos do conhecimento a partir da Filosofia, História, Sociologia, Psicologia, entre outras e, por outro lado, entre contextos econômicos, sociais, trabalho, ideologia e informação/conhecimento. Pode-se afirmar que Marx foi um pensador efetivamente preocupado com o ser e suas questões sociais e de consciência, o que implica dizer que o ser, para Marx é um primado básico de entendimento, sendo as questões ontológicas, informacionais, sociais e ideológicas como instrumentos configuradores do ser.

De acordo com Luckács (1978) a essência do marxismo científico consiste em reconhecer a independência das forças motrizes reais da história com relação à consciência que os homens têm dela. Então, a literatura científica desenvolvida por Marx não pode estar dissociada dos seguintes aspectos: história, consciência e ideologia. Esses termos auxiliam a compreender o processo político-econômico das obras de Marx e sua visão sobre o capitalismo e a sociedade burguesa e trabalhadora, bem como as contradições nas relações de trabalho.

É possível observar que Marx a partir de suas questões econômicas e sociais promove prioridade aos estudos sobre o sistema capitalista, suas formas de produção e as relações sociais de trabalho. Entre essas questões de modo de produção, o imperativo economicista e social e o trabalho permeia a compreensão sobre os possíveis significados de informação. Em seu livro intitulado “Crítica da economia política” Marx (1983, p. 233-234) faz um arrazoado que

---

<sup>3</sup> É preciso ressaltar que Marx possui uma vasta produção e eu contribuí, sobretudo, para construção de percepções teóricas e epistemológicas nas ciências humanas e sociais. Pode-se destacar sua contribuição para a História, especialmente no contexto do materialismo histórico, para a Sociologia quando versa sobre as relações sociais de produção, assim como sobre a noção de ideologia, etc., para a economia quando concebe, de modo específico, uma crítica a economia política e, de modo mais amplo, na elaboração dos 4 (quatro) volumes do Capital, sendo os 3 (três) primeiros de sua própria autoria e o último foi um escrito de publicação póstuma, sendo coordenado por Engels.

contempla os fatores mencionados no parágrafo anterior, o que permite uma associação com o termo informação:

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social que determina a sua consciência. ... Em um determinado estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou - isso se limita a exprimir a mesma coisa em termos legais - com as relações de propriedade no âmbito das quais têm atuado até aqui. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se transformam em seus grilhões. Começa então uma época de revolução social. As mudanças na base econômica levam mais cedo ou mais tarde a uma transformação da imensa superestrutura.

Alguns fatores são cruciais para entender o significado de informação em Marx:

- a) a infra-estrutura é identificada como a base material e econômica da sociedade capitalista que se identifica como base real, enquanto a superestrutura é representada pelas instituições jurídicas e políticas, como as Leis e o estado e as instituições ideológicas, como as artes e a religião) que se identificam como bases ideais;
- b) as forças produtivas são representadas pelos meios de produção como as tecnologias (incluindo o seu desenvolvimento histórico), as organizações trabalhistas, sindicais, entre outras;
- c) vale salientar que forças e relações de produção são diametralmente contraditórias significando dizer que, por um lado, quando uma determinada classe está associada às antigas relações de produção se constituem como uma barreira ao desenvolvimento das forças produtivas, enquanto que quando outra classe representa as novas relações de produção favorecem o desenvolvimento das forças produtivas.<sup>4</sup>

Os fatores mencionados no parágrafo anterior remetem a reflexão sobre a tríade ser-informação-consciência que se insere como fundamentos da infraestrutura e exerce influência sobre a superestrutura permitindo uma série de construtos sociais e cognitivos. Isso significa dizer que Marx demonstra uma posição que é fundamental para um entendimento prévio sobre informação quando fala que não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social que determina a sua consciência. Isso implica em afirmar que a informação não é simplesmente construída a partir da consciência do ser, mas primordialmente a partir das suas configurações/relações sociais inferindo que a partir dessas relações do ser social é possível a elaboração de “esquematisações” cognitivas para uso e apropriação da informação.

---

<sup>4</sup> Diante dessa contradição entre forças produtivas e relações de produção é que *Marx* (1981, p. 22) afirma que “a história de todas as sociedades existentes até hoje é a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta”

É possível dizer que a informação para ser constituída necessita de uma fundamentação marcadamente ontológica, de sorte que para compreender os possíveis significados de informação é preciso pensá-los a partir das configurações do ser social (as relações sociais, contextos históricos e manifestações ideológicas).

O pensamento de Marx provoca uma relação entre o homem, a informação e o trabalho no sistema capitalista em que o ser necessita de um provimento informacional que fortaleçam seu corpo, memória e mente, com vistas a resolução de problemas. (LOJKINE, 1995). Essas relações entre o ser, o trabalho e a informação remete a concepção de valor que esclarece os processos relacionais entre a burguesia e a classe proletária. Caraça (1993, p. 43) revela que "[...] O processo básico da informação não é a troca, mas a partilha. Depois de uma 'transação de informação', ambas as partes detém a informação que foi objeto da transação [...] O valor associado a tal transação deve portanto ser equacionado de um modo totalmente diferente."

Percebe-se que o valor da informação em Marx é visível a partir das concepções de lucro para a classe burguesa e do salário para o proletário que vende sua força de trabalho. Isso significa que as relações entre forças produtivas e relações de produção engendram instrumentos para construção de informação para a burguesia e a classe laboriosa com valores e significados diferentes/antagônicos.

### **3.2 Friedrich Nietzsche e o perspectivismo: subsídios cognitivos para significação do termo informação**

Nietzsche, certamente, foi um dos filósofos mais polêmicos e complexos da história por abordar assuntos de natureza polêmica, como a moral, a religião, as artes, entre outros que se constituem como valores humanos e sociais que estão consagrados em suas diversas e marcantes obras. Na obra *Genealogia da Moral* Nietzsche (1999, p. 46) ressalta que “[...] o filósofo deve resolver o problema do valor, ele deve determinar a hierarquia de valores.”

Entre suas ideias destaca-se a sua percepção do perspectivismo. Antes, porém, de adentrar no perspectivismo nietzschiano que, a priori, parece ser uma idéia simples, mas apresenta um grau de complexidade que permite interpretações variadas, é pertinente entender o significado da palavra perspectiva.

Etimologicamente, o termo perspectiva possui três significações, conforme revela Ferreira (2010, p. 582):

1. Arte de representar os objetos sobre um plano, tais como se apresentam à vista;
2. Aspecto dos objetos vistos de certa distância; e

### 3. Expectativa.<sup>5</sup>

Os três significados etimológicos podem ser sintetizados em um significado mais geral que é a esperança/possibilidade de representar/visualizar determinados objetos/fenômenos físicos (documentos, artefatos, dispositivos, entre outros) ou abstratos (fé, razão, a mente, a linguagem, etc.).

Nietzsche fundamenta essa percepção etimológica alçando-a no contexto da epistemologia e da Filosofia. O termo perspectiva, oriundo do vocabulário da arquitetura e das artes plásticas, tem uma inequívoca conotação espacial e visual, como evidenciam as diversas passagens em que Nietzsche estabelece uma analogia entre o conhecimento e a visão. (ROCHA, 2004, p. 213).

Rocha (2004, p. 213-214) afirma que o perspectivismo nietzschiano sugere, a saber:

- a) a idéia de relação ou, mais precisamente, de relatividade: um campo de visão só aparece como tal relativamente a um sujeito — ou, se quisermos abstrair as implicações metafísicas do termo, relativamente a algo ou alguém que olha;
- b) um recorte ou uma delimitação no campo do saber, pois, ao ocupar uma determinada posição, o observador está por definição excluído das demais;
- c) a noção de um conhecimento perspectivo acarreta a idéia de pluralidade ou de multiplicidade de pontos de vista;
- d) transformação do objeto em função da posição do sujeito, pois trata-se de uma conformação do objeto ao ponto de vista do homem, em função das características de seu aparelho cognitivo (também relacionado as artes).

Diante das possibilidades apresentadas observa-se que o perspectivismo de Nietzsche possui características que podem ser aplicadas no contexto da concepção de informação levando em consideração as 4 (quatro) características apresentadas por Rocha (2004). Portanto, é relevante uma análise mais detida sobre cada ponto, visando verificar como o perspectivismo de Nietzsche e a concepção de informação se relacionam.

Em primeira instância, a informação possui um grande caráter de relatividade, de sorte que depende de quem olha o fenômeno. Nessa visão acerca do que é ou não informação é fundamental recorrer a Luhmann (1996 *apud* CAPURRO 2003, p. 3) quando confere uma diferenciação entre informação e mensagem:

[...] nós diferenciamos entre mensagem ('Mitteilung'), isto é, a ação de oferecer algo (potencialmente) significativo para o sistema social ('Sinnangebot') e informação ('Information'), isto é, o processo de selecionar um significado a partir de diferentes possibilidades oferecidas pela mensagem, e também compreensão ('Verstehen'), isto é, a integração do significado selecionado com o sistema, como as três dimensões da comunicação em um sistema social.

---

<sup>5</sup> De acordo com Ferreira (2010, p. 331) o termo expectativa significa “esperança fundada em supostos direitos, probabilidades ou promessas”.

Pode-se apreender que o ser (entendido aqui fenomênica e ontologicamente como receptor ou usuário) possui maneiras relativizadas de construir informação a depender de suas condições e contextos sociais, intelectuais, metafísicos e cognitivos, além evidentemente dos procedimentos e finalidades que identifica para promover uma concepção de informação.

O fato é que o ser não necessariamente solicita uma mensagem, assim como a mensagem pode ser enviada de forma aleatória ou não pelo emissor. O ser, por mais que receba uma mensagem, possui o desejo de constituir uma informação. (CAPURRO, 2003). Com efeito, a informação é construída intencionalmente, com vistas a suprir uma determinada necessidade, o que comprova sua relatividade perspectivista.

Em segunda instância, a informação também se constitui a partir de um determinado campo do saber. Na Ciência da Informação, por exemplo, a informação é vista como ponto central. Mas em outras áreas, como saúde, jurídica, exatas, etc., a informação pode ser vista simplesmente como um acessório ou instrumento de apoio para constituição de significados. Capurro (1991) reconhece que compreender o que é informação desemboca naturalmente entender o que é e para que serve a Ciência da Informação.

Em torno do perspectivismo nietzschiano, há três fundamentos cruciais que podem ser aplicados de forma efetiva a concepção de informação (de forma mais precisa a informação no âmbito da Ciência da Informação):

- a) a Ciência da Informação, para investigar as propriedades, os fluxos e processos de informação precisa recorrer a áreas diversas, visando estabelecer um diálogo mais denso e sustentado, como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, Linguística, Computação, Administração, entre outras;
- b) todavia, o observador, ao estabelecer esse diálogo com outra(s) área(s), deve se posicionar afirmando que a sua condição perspectivista é de analisar o fenômeno ou objeto pelo viés da e para a Ciência da Informação, com vistas a afirmar e esclarecer seus fundamentos teórico-epistemológico;
- c) isso significa dizer que o diálogo com outras áreas é um procedimento de investigação teórico-empírica do observador/pesquisador, mas a sua fundamentação teleológica é elucidar e fortalecer o campo do conhecimento ao qual está investigando (neste caso a Ciência da Informação que enxerga a informação como propriedade vital de seus estudos).

O pesquisador da Ciência da Informação apresenta uma condição perspectivista para entender a informação por meio de procedimentos científicos e investigativos transversais no que tange aos campos do conhecimento, mas com a finalidade de que esses diálogos possam focalizar os contributos da Ciência da Informação no que toca ao entendimento de informação.

Em terceira instância, a informação como fenômeno perspectivista apresenta um diálogo em várias áreas de forma sistêmica (particularizada) ou entre as áreas de forma interativa e dinâmica (multidisciplinar). Essas bases sistêmicas e/ou interativas contribuem para se pensar a informação (seus conceitos, processos, fluxos, propriedades e aplicações) de múltiplas formas por meio de interferências investigativas: teórica/prática, consciente/inconsciente, direta/indireta, afirmativa/negativa, individual/coletiva e singular/plural.

Em quarta instância, complementar, a anterior a informação, enquanto atributo perspectivista, está submetida aos interesses do ser. Ora, se a informação possui múltiplas significações fica evidente que isso ocorre em virtude do ser conceber seus significados da forma como considera mais conveniente, de acordo com sua curiosidade e intencionalidade.

Como revela Capurro e Hjørland (2007, p. 193) “[...] em nossa percepção, a distinção mais importante é aquela entre informação como um objeto ou coisa (por exemplo, número de *bits*) e informação como conceito subjetivo, informação como signo; isto é, como dependente da interpretação de um agente cognitivo.”

A informação se constitui não somente a partir das condições interpretativas do ser, mas a atenção do que pode ser realmente relevante para ser constituído como informação, que dimensiona um processo de seleção e atenção para sincronizar os procedimentos e a finalidade do que se pretende compreender.

### **3.3 Henri Bergson: intuição e inteligência como fundamentos distintos para uma concepção de informação**

A Filosofia Contemporânea envolve um conjunto de valores que demandam densas reflexões. Em Bergson, é comum o uso dos valores intuição e inteligência (também chamada de análise) para elucidar sua proposta de pensamento filosófico. É preciso compreender de forma particular esses termos a fim de compreendê-los a partir de uma relação com a concepção de informação.

A palavra intuição vem do latim “intuire”, que significa de forma mais precisa “ver por dentro”. No entanto, o conceito de intuição varia um pouco conforme a linha de pensamento de cada estudioso. Em Bergson (2006) a intuição surge a partir da metafísica. O esforço de reflexão necessário à metafísica apresenta-se como uma inversão da reflexão intelectual. Se o intelecto busca a imobilização de uma realidade para estudá-la em seus detalhes, para a metafísica bergsoniana o que importa é a percepção do movimento.

Já a inteligência se configura na capacidade do ser em captar algumas percepções da realidade que sejam convenientes, com vistas a uma concepção conceitual representativa do real. Bergson (1979, p. 265) ressalta que é comum conceber “[...] aspectos quase instantâneos da

realidade que passa, e, como eles são característicos dessa realidade, basta-nos incluí-los ao longo de um devir abstrato, uniforme, invisível, situado no fundo do aparelho do conhecimento, para imitar o que há de característico nesse próprio devir.”

Bergson afirma que o ser é movido por meio de pensamentos e ações. Todavia, é inerente que o pensamento vislumbra determinadas ações. As ações são pensadas e executadas por nossa inteligência a partir da construção de conceitos. A intuição e a inteligência (análise) podem ser definidas, de forma geral, por Bergson (2006, p. 188) da seguinte forma:

Chamamos aqui de intuição a *simpatia* pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, inexprimível. Pelo contrário, a análise é a operação que reconduz o objeto a elementos já conhecidos, isto é, a elementos comuns a esse objeto e a outros. Analisar consiste portanto em exprimir uma coisa em função daquilo que não ela.

Pode-se evidenciar que há uma diferença capital entre a intuição e a inteligência: a primeira se constitui a partir da experiência do objeto concreto, através de uma ação, o que promove essencialmente uma configuração integradora através da díade pensamento-ação; já a segunda se configura na efetiva formação de percepções, o que permite pensar uma representação teórica daquilo que o ser considera como real.

A intuição sendo tomada como experiência do concreto, contribui para se pensar a concepção de informação, pois a informação só pode ser apropriada de um sentido a partir das experiências concretas e do entendimento dessa concretude.

De outro modo, a intuição bergsoniana aplicada a concepção de informação pode ser mais efetivamente compreendida a partir de uma vasta experiência e intimidade com os processos e fluxos de informação, visando identificar questões, tais como: Porque e com qual finalidade se produz informação? Como e com qual finalidade se organiza informação? Por quais motivos se representam informação? O que significa mediar a informação/ Porque se utiliza tais tipos de documentos? Como, para que e com qual finalidade se recupera informação? Quais os procedimentos e finalidades para se apropriar da informação?

Por isso, a informação como procedimento intuitivo revela uma intimidade entre o ser, como ponto central e suas articulações para representar, recuperar, utilizar e se apropriar da informação considerando as condições concretas a partir das experiências do cotidiano, das relações sociais e das concepções cognitivas do ser, com vistas a superar a superficialidade do entendimento sobre o real/concreto.

Quanto a inteligência (análise) relacionada a uma concepção de informação é fundamental reconhecê-la no âmbito das percepções. A inteligência está ligada a interesses práticos atrelados a conveniência do ser, o que implica afirmar que uma concepção de informação percebida através da inteligência deve primar por ações ativadas através da sensibilidade motora do ser,

visando concretizar eficiência e eficácia na apropriação da informação diante de um contexto prévio estabelecido.

Como afirma Maciel (2007, p. 67), “Ao traduzir o real em uma linguagem simbólica e abstrata, [a inteligência] inventa meios e artefatos que garantam a economia e o progresso ininterrupto do ser humano na labuta do mundo material.” Isso significa dizer que a informação construída a partir da inteligência busca satisfazer as conveniências momentâneas do ser de forma eficaz contemplando suas exigências imediatas.

A informação no âmbito da intuição prima por um processo mediato, interpelativo, reflexivo e complexo diante das fundamentações sociais e experienciais do ser, enquanto a inteligência prima pela funcionalidade imediata da informação, conforme suas exigências cognitivas para construção de percepções.

### **3.4 Gilles Deleuze no alarido do devir: o conceito filosófico como contributo para uma concepção de informação**

A relação entre Filosofia e Ciência da Informação tem sido eminentemente produtiva, visando conceber mecanismos para o conceito de informação. A Filosofia auxilia na Ciência da Informação na elaboração de pressupostos teóricos para formação de premissas e conceitos. Ressaltando que esses conceitos devem ser criados a partir de reflexões, observações e principalmente, nos processos de resolução dos problemas de informação. (SARACEVIC, 1992).

Deleuze foi um dos filósofos da contemporaneidade que mais destacou a ênfase da Filosofia na proposição de conceitos como contributo para transformar o mundo. Uma das maneiras de compreender o mundo e seus conceitos se dá por meio do entendimento de um devir. Para Deleuze, o devir indica uma realidade concreta. Deleuze e Guatarri (1997, p. 64) definem que o:

[...] Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos.

É possível observar que o devir deleuziano ocorre a partir das formas e do sujeito em um plano pré-individual que ocorre de maneiras infinitas. Para tanto, o devir é vislumbrado por meio de postulados antinômicos que estão para além das formas e dos sujeitos. Em outras palavras, um devir se configura como uma prática concreta do real, ao contrário da mimese em que o ser busca através dela uma representação do real ou uma espécie de assemelhar-se a algo ou alguém que muitas vezes não está efetivamente cristalizado no seio da realidade ou apenas inspira simbolismos e apreensões convenientes da realidade por parte do ser.

Acredita-se que o devir contribui de forma concreta para se pensar em conceitos filosóficos que podem ser aplicados a um conceito de informação. Constituindo-se como um árduo defensor da relevância dos conceitos para transformar o mundo Floridi (2002b, p. 76) comenta que “[...] questões contemporâneas são colocadas no centro da base filosófica. Não estamos mais enviando sonhadores ao mundo para batalhas intelectuais, mas educando as novas gerações para lidar com sucesso com uma vasta gama de desafios conceituais.”

Deleuze e Guatarri (1992) são claros defensores da percepção conceitual da Filosofia quando afirmam que um conceito se configura como uma atividade, a saber:

- a) é necessariamente assinado pelo estudioso (filósofo), o que lhe confere um significado autêntico (por exemplo, a Ideia de Platão; o Cogito de Descartes; o fenômeno de Husserl; o nada de Sartre, etc.);
- b) todo conceito é multiplicidade, pois é constituído por um conjunto de componentes diversos, além de ser construído a partir de problemas;
- c) todo conceito é histórico, já que está ligado a outros conceitos de um mesmo estudioso (filósofo) e a conceitos de outros estudiosos (filósofos) que são recriados;
- d) todo conceito é uma heterogênesse, pois se configura como “ordenação de zonas de vizinhança” ou, de forma mais clara, é uma convergência de seus componentes que permitem uma significação singular em meio as múltiplas possibilidades;
- e) todo conceito é incorpóreo, uma vez que implica em um acontecimento, mas nunca a coisa propriamente dita, de modo que é contemplado como evento de manifestação do desejo;
- f) o conceito é absoluto e relativo ao mesmo tempo. Absoluto em relação ao contexto de quem o cria e relativo por ligar a seus componentes e a outros conceitos; e
- g) Enfim, o conceito é devir.

A informação necessita da fundamentação conceitual da Filosofia para consolidar seus conceitos. Todavia, o conceito de informação, a partir de sua concepção filosófica, pode ser estendido/complementado no âmbito de sua configuração histórica. Esse viés histórico-filosófico pode ser apontado por Capurro (1978) quando afirma que a descoberta das teorias chave da ontologia e da epistemologia gregas, baseadas nos conceitos de *typos*, *idéa* e *morphé*, estavam na origem do termo latino *informatio*. Novamente dialogando com Capurro (2003) complementa que as raízes do termo informação foram mantidas através da Idade Média, mas desapareceram quando a ontologia escolástica foi substituída pela ciência moderna. Desde aproximadamente o século XVI encontra-se o termo *information* nas línguas cotidianas do francês, inglês, espanhol e italiano, com o sentido que usamos hoje: ‘instruir, fornecer conhecimento’, sendo que o significado ontológico de ‘dar forma a alguma coisa’ tornou-se obsoleto. Shannon e Weaver tomaram como base o caráter epistemológico, desconsiderando as conotações semânticas e pragmáticas. Através

da mediação da cibernética e da ciência da computação aconteceu uma infiltração inflacionária deste termo em muitas ciências (por exemplo, física, biologia, psicologia, sociologia).

Os conceitos apresentados por Capurro instigam o pensamento de que o conceito de informação pode ser representado como “um movimento que se desenvolve, através do tempo, rumo ao estabelecimento de algo ainda em formação”. (GONZALEZ; NASCIMENTO; HASELAGER, 2004, p. 196). A informação implica em um construto ontológico marcado por transformações que envolve um eterno retorno.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Filosofia Contemporânea tem promovido um conjunto de contribuições teórico-epistemológicas que tem sido relevantes para diversas áreas do conhecimento, assim como tem promovido contribuições epistemológico-aplicativas, visando aprimorar os processos de desenvolvimento de objetos de estudos, como a linguagem, a ontologia, a identidade e a informação.

Nesse caminhar da Filosofia, há uma estreita relação com as concepções de informação, desde a Antiguidade que foi se fortalecendo e se consolidando na contemporaneidade, principalmente a partir da fundamentação de uma Filosofia da Informação.

O presente trabalho procurou evidentemente discutir apenas algumas contribuições de alguns filósofos, sem buscar o esgotamento das discussões, muito menos o esgotamento da quantidade e qualidade das contribuições filosóficas. Das contribuições apresentadas pelos filósofos discutido no trabalho, vale ressaltar que possuem suas particularidades no contexto da informação.

A contribuição de Marx refere-se mais ao desiderato da informação relacionada ao trabalho ou mais precisamente a condição do ser em seu processo de ação do trabalho. Já a contribuição de Nietzsche envolve um profundo esquema epistemológico para a informação, pois contempla olhares múltiplos, tanto do conceito de informação, quanto de suas aplicações e construções cognitivas.

Quanto a contribuição de Bergson, conclui-se, por um lado, que a informação como instrumento da inteligência evoca o pensamento do pragmatismo informacional.<sup>6</sup> E, por outro lado, a informação intuitiva que vislumbra um amplo processo de intimidade no interior de um

---

<sup>6</sup> Entenda-se aqui pragmatismo informacional como um conjunto de processos práticos que envolvem a representação do real, de acordo com a conveniência do ser para construir informação de forma eficiente e eficaz adequando-se as suas exigências.

objeto/fenômeno, estabelecendo uma relação entre as condições concretas e abstrativas, visando construir informação com efetivo sentido e solidez para o ser.

Com relação a contribuição de Deleuze, é possível inferir que a informação derivada de devires (características concretas do real) deve ser pensada a partir das ações e práticas, com vistas a sua construção conceitual. Isso significa dizer que a informação, para ser compreendida em seu espectro conceitual e epistemológico necessita das relações experienciais e sociais a fim de que possa ser teorizada, o que implica em uma fuga da metafísica estanque para uma metafísica mais dinâmica e mutuamente causal entre prática e teoria.

Portanto, é inegável que a Filosofia Contemporânea traz elementos discursivos que permitem compreender os conceitos e as concepções de informação, conforme suas fundamentações teóricas e práticas, conscientes e inconscientes, diretas e indiretas, individuais e coletivas, pessoais e sociais, o que permite pensar a necessidade de um diálogo mais efetivo entre a Filosofia e a Ciência da informação, especialmente considerando a contribuição dos filósofos da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BERGSON, Henri. Introdução a metafísica. In: **O pensamento e o movente**. Ensaios e conferência. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAPURRO, R. Angeletics: a message theory. In: **Hierarchies of communication**. Karlsruhe: Center for Art and Media (ZKM), 2003.

CAPURRO, Rafael. **Information**. Ein Beitrag zur etymologischen und ideengeschichtlichen Begründung des Informationsbegriffs. Munich, Germany: Saur. 1978. Disponível em: <<http://www.capurro.de/info.html>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, Finland, 1991. **Proceedings...** Tampere: University of Tampere, 1991. Available: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

CAPURRO, Rafael. Pasado, presente y futuro de La noción de información. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORIAS DE LA INFORMACIÓN, 1., [200\_, S. 1.]. **Anais...** Disponível em: <<http://www.capurro.de/home-span.html>>. Acesso em: 9 mar. 2012.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birgen. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362007000100012&script=sci\\_arttext&tlng=e](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362007000100012&script=sci_arttext&tlng=e)>. Acesso em: 19 abr. 2010.

CARAÇA, João. **Do saber ao fazer:** porque organizar a ciência. Lisboa: Gradiva Publicações, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v.4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia.** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FLORIDI, Luciano: **The blackwell guide to the Philosophy of Computing and Information.** Blackwell: Londres, 2004.

FLORIDI, Luciano. "What is the Philosophy of Information?" **Metaphilosophy**, v. 33, n. 1/2, Nova Iorque; Oxford, 2002a.

FLORIDI, Luciano. Information informs the field: A conversation with Luciano Floridi. **APA Newsletter**, v. 2, n. 1, fall 2002b.

GONZALEZ, Maria Eunice Qulici; NASCIMENTO, Thiago Carreira Alves; HASELAGER, Willem F. G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. In: FERREIRA, Ademar; GONZALEZ, Maria Eunice Qulici; COELHO, Jonas Gonçalves. (Orgs.). **Encontros com as Ciências Cognitivas.** São Paulo: Coleção Estudos Cognitivos, 2004. v.4, p. 195-220.

HEIDEGGER, Martin. O fim da Filosofia e a tarefa do pensamento. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar. In: **Ensaaios e conferências.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the socio-cognitive perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n. 4, p.257-270, 2003.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in Information Science: Domain-Analysis. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da informação:** alguns problemas fundadores. In: III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, v. 2, 2004.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional.** São Paulo: Cortez, 1995.

LUKÁCS, George. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.

MACIEL JÚNIOR, Auterives. **O todo aberto:** tempo e subjetividade em Henri Bergson. 1997. 159 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 1981.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como se chega a ser o que se é**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, n. 18, set. 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (Orgs.). **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. Proceedings of the International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, 26-28, 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 5-27.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.